



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8087 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 11 - Política de Educação Superior

ESCOLA, CULTURA ESCOLAR E AVALIAÇÃO

Rita de Cassia Rodrigues Del Bianco - PUC-GOIAS Pontifícia Universidade Católica de Goiás

ESCOLA, CULTURA ESCOLAR E AVALIAÇÃO

A relação da cultura escolar como objeto histórico, como categoria de análise e como campo de investigação precisa ser apropriada como campo de pesquisa para os educadores, a exemplo, no campo da História da Educação, dando a eles possibilidades de compreender conceitos, percursos e ideias que são constitutivos da cultura escolar, podendo ser citados: os currículos, a disciplina, as práticas dos professores, as normas e regras, a avaliação.

Assim, como problema a ser refletido, questiona-se de que modo é possível a escola produzir sua própria cultura de forma a fazer oposição à cultura dominante? Como lidar com essa forma homogenia da organização da escola tendo em vista a avaliação na base da cultura escolar? Então, para a apresentação de conceitos e análise das questões levantadas, foram utilizados, sobretudo, como leituras de referência para a elaboração do conteúdo da exposição, os seguintes autores: Forquin (1998); Julia (2001); Azanha (1991); Faria Filho *et. al* (2004).

Nota-se que desde os anos 1960, conforme afirma Forquin (1998), os estudos sobre escola, educação e todo o conteúdo pertinente a atividades, ações e práticas escolares aparecem para reflexão. Por conta do cenário que vai se estabelecendo com uma crise da escola, sobre o seu papel e sobre o que ensina, como “[..] um manto de sociedade abstrata, que veicula, intactas, as desigualdades herdadas, pela reprodução das heranças culturais e pela reposição do mundo tal qual ele é” (JULIA, 2001, p. 11).

Entretanto, essa relação orgânica entre educação e cultura perpassa por intensas relações de conceitos que podem ou não ser relativizados (FORQUIN, 1998). Essas afirmações levam ao desafio de trazer uma aproximação dos conceitos de educação e cultura no espaço escolar que são deveras tratados na obra de Forquin – *Escola e Cultura*. Com as reflexões do autor, é possível pensar que *a educação é sempre uma educação de alguém para alguém*, formação e socialização dos indivíduos e se realiza por meio de conteúdos que

expressam ideias particulares e coletivas, subjetivas ou intersubjetivas.

A escola é formadora de uma cultura, mais precisamente de uma cultura escolar e, sendo assim, a cultura escolar é uma importante ferramenta teórica para explorar o passado e o presente das instituições escolares (FARIA FILHO et al., 2004). Por isso é necessário, como aponta Julia (2001), não negar os arquivos escolares e buscar entender o funcionamento da escola e de todas as suas práticas e manifestações para, então, recontextualizá-las.

O currículo, portanto, é resultado da cultura escolar e das práticas escolares que qualquer instituição forma, é um prescrito de fins e objetivos educacionais. Além disso, ressalta-se, nessas práticas, o currículo oculto, o que não se figura nos currículos oficiais, que são os saberes, as competências, as representações, os papéis e valores que escapam ao controle institucional e *fortalecem a cristalização de saberes práticos, receitas de sobrevivência*, pois quando se ensina são instaladas as intencionalidades nesse processo.

Nesse percurso, ressalta-se a crise da educação contemporânea e moderna assistida pela necessidade de maior engajamento dos pesquisadores com o que se tem de conhecimento real da escola, de seu currículo, de suas práticas e, especialmente, de políticas públicas que fossem incorporadas pelas reformas educativas. De modo compreendessem de fato a “[...] função cultural da escola em face da diversidade da clientela, às relações entre saber teórico e saber escolar e às conexões entre vida escolar e reformas educativas” (FARIA FILHO et al., 2004, p. 14).

Para Azanha (1991, p. 67-68), deve-se existir por parte dos pesquisadores um esforço para adentrar essa cultura própria historicamente desenvolvida pela escola. Sendo assim, tais

[...] estudos deveriam não apenas descrever essas práticas num certo momento como também identificar e desmitificar os processos de sua transformação, transformação e permanência. Do conjunto desses estudos, cujo propósito seria um ‘mapeamento cultural da escola’, teríamos possibilidade de chegar a hipóteses interessantes sobre a crise educacional que não se limitem a referi-la a esta ou àquela variável, mas que busquem compreendê-la na sua dimensão histórico-social.

Afirma ainda esse mesmo autor que muitos estudos e pesquisas que envolvem a cultura escolar no Brasil se veem imbricados historicamente pela forma como são feitos os processos de reformas educacionais, desde os anos 1950, pois estas são mais políticas do que científicas, no que se refere às necessidades do sistema escolar. Cita os esforços do *Programa de Pesquisas sobre a Cultura Escolar Brasileira* em seus estudos, sobre o campo do saber teórico e do saber escolar e suas múltiplas intersecções, permitindo perceber “[...] os discursos, sobre ensino, a administração e a didática, até a formação dos profissionais da educação” (AZANHA, 1991, p. 69).

Partindo desse pressuposto, entende-se que a avaliação, também, é um dos componentes da cultura escolar e é de caráter complexo, antagônico e, por vezes, compulsória ante diferentes práticas e usos no interior da escola, quer ela seja da educação básica ou da educação superior. Esse processo do papel da avaliação e seu pertencimento à organização do trabalho escolar, de suas práticas cotidianas, do funcionamento interno da escola acontece pela própria atividade que envolve os diferentes atores e, por conseguinte, se vê afetada por uma diversidade de concepções, ideias, interesses, valores.

A avaliação depende daquilo que a deriva, das suas necessidades na base da cultura escolar e da elaboração de seus acordos mínimos para tomadas de decisões, uma vez que a

avaliação vai sustentar o compromisso com o trabalho escolar, o planejamento, o currículo e seus componentes, e que esses resultados fazem parte da cultura escolar e dos atores pertencentes a esse espaço, como estudantes, docentes e equipe administrativa. Nesse sentido, a

[...] avaliação vem ganhando centralidade na cena política e os espaços de sua interferência têm sido ampliados de modo marcante, ultrapassando o âmbito da aprendizagem dos alunos. Por tratar-se de campo fortemente atravessado por interesses, diante dos quais posturas ingênuas não podem ser aceitas, compete aos profissionais da educação desenvolverem alguma *expertise* para lidar com a avaliação (SORDI; LUDKE, 2009, p. 316).

Desse modo, trata-se de pensar na avaliação como um dos elementos compositores dos diversos campos da escola e, neste estudo, a avaliação não se relaciona a um aspecto como em particular, como a avaliação da aprendizagem, do ensino, da escola, dos professores isoladamente, mas como uma prática cultural que toma a escola como responsável pelo desenvolvimento de um determinado rito instituído pela cultura escolar.

Nesse sentido, para que se tenha a condição de efetivar uma análise de objetos, ações, práticas e concepções, tomando por base a cultura escolar, vale ressaltar que, para construir sentidos sobre o passado das instituições escolares e da ideia que perpassa a avaliação nesses espaços, se volta o olhar para a cultura numa capacidade de reunir processos idênticos que geram consensos, envolvem todo o sistema de significação do mundo e da realidade, e podem regular as condutas e a organização da vida social.

Pode-se afirmar que

[...] a cultura escolar não deixa de ser uma importante ferramenta teórica para explorar o passado e o presente da escola na sua relação com a sociedade e a cultura, no jogo tenso das lutas de poder que perpassam o escolar e expressam nele as contradições sociais (VIDAL, 2009, p. 39).

Sendo assim, pode-se compreender que a cultura escolar como um processo de construção de sentidos permite a formação de símbolos e códigos de significação, por meio de representações que formam os consensos sobre os fenômenos e objetos no centro de um grupo social.

Sordi e Ludke (2009, p. 321) discorrem que “[...] a escola não pode ser vista de forma insular, desgarrada da realidade social que a envolve. Disso decorre que a avaliação da qualidade de seu processo é influenciada por um conjunto de fatores tanto intra como extraescolares. Esses não podem ser esquecidos ou silenciados pelas políticas que incidem sobre a escola e seus atores”.

Afirma-se que o modelo de avaliação que se sustenta na base da cultura da escola tem sido cerceado por um cenário que, também, tende a almejar a garantia de sua legitimidade, apresentando claramente os objetivos propostos pela escola, assim como as bases metodológicas sobre as quais se delineará. Na base da cultura da escola, há sanções, notas, advertências, juízos de valor, ou seja, pode estar implícita essa relação familiar com a cultura e seus diferentes agentes com suas heranças culturais diversas. Desse modo,

Por seu lado, a avaliação do trabalho docente exige transparência por parte de quem se atribui a responsabilidade de estabelecer referentes indicativos da qualidade desejada e, sob este aspecto, é necessário assumir uma postura radical exigindo conhecer, na raiz, a concepção de qualidade que orienta o olhar avaliativo, sobretudo aquele contido nas

políticas públicas de avaliação de cunho nitidamente regulatório (SORDI; LUDKE, 2009, p. 317).

Pode-se inferir que a homogenia e a forma como os procedimentos de avaliação que a escola impõe deveriam se apoiar em critérios defensáveis para a sua confiabilidade, e a sistematização dos resultados e seus objetivos no processo de aprendizagem deveriam permitir que a comunidade interessada compreendesse o desempenho e suas variáveis, para que possa interpretar os resultados alcançados.

Buscou-se neste estudo trazer à reflexão os conceitos que sustentam as discussões sobre a cultura, cultura escolar e escola e as possibilidades de os pesquisadores terem como campo essas análises. Para isso, é necessário entender que a chamada cultura escolar representa uma subcultura da sociedade como um todo e isso faz que o papel da escola fique reduzido à simples transmissão da cultura, de forma consensual com a sociedade, o que já definiria também as finalidades da educação e como essa deve ser realizada pela escola.

A cultura escolar está assentada em bases de tensões, conflitos, práticas e rupturas movidas pela organização da escola. Essas tessituras compreendem a organização da escola em todos os seus níveis e modalidades, tanto na educação básica quanto na educação superior; além delas, a avaliação, também, comporá o espaço da cultura da escola.

Palavras-chave: Cultura Escolar. Avaliação. Avaliação Institucional.

REFERÊNCIAS

AZANHA, José Mário Pires. Cultura escolar brasileira: um programa de educação e pesquisa. **Revista da USP**, São Paulo, n. 8, p. 65-69, dez./jan./fev. 1990-1991.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. *et al.* A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

SORDI, Mara Regina Lemes de; LUDKE, Menga. Da avaliação da aprendizagem à avaliação institucional: aprendizagens necessárias. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 14, n. 2, p. 253-266, jul. 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. **Currículo sem Fronteiras**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 25-41, jan./jun. 2009.